



O CORVO, O CASARÃO E O CORONEL

Antonio Marcos Gonçalves Pimentel*

A casa era velha. Tinha já aquela idade avançada cuja decrepitude faz gelar o sangue dos mais novos e não admite falta de respeito dos mais velhos. Casa velha, lápide distinta onde vivem poucos ratos, talvez um ou dois gatos e muita gente: gente silenciosa que só aparece para visitantes inesperados e crédulos. Não são de cumprimentar, nem de fazer sala. Licor de jenipapo? Bolo de milho? Taças rachadas, garrafas estilhaçadas, almas retorcidas. Lá o meio-dia é igual à meia-noite: quem se atreve? Há poucos metros a coragem falta, o suor brota e as veias latejam. Olhos de gato nas trevas da sala de estar. De gato? O vento que venta veloz evita as vidas vividas; vacila no viés, vagueia em vão – no vão; não vão! –; visão de vozes e vultos, *vade retro! Vade mecum...*

Casa velha, solo morto,
Verde desbotado, areia viva,
Poeira que baila com o redemoinho
Do saci-pererê: dança do Cão;
Moleque arteiro em casa das almas
Fumando cachimbo rindo da gente
Sumindo "cas coisa" cadê a coragem?
Capitão-do-mato, senhor de engenho,
Namoradeira é a filha, doutor o varão,
Matrona e vassoura, amor tem mais não.
Cheiro de peste, bate na porta,
torta,
a morte.
Patrão moribundo, sinhá encurvada,
Tosse tosse, doutor entra e sai,

^A Professor de Latim pela UFF (RJ), Mestre em Letras e Doutorando bolsista do CNPq em Literatura Comparada ambos também pela UFF (RJ). Atualmente é professor credenciado no programa de pós-graduação *stricto sensu* em Língua, Literatura e Cultura Latina (UFF / RJ). Email: antoniomarcosgpimentel@hotmail.com



Fica o dente, vai a saúde.

Chora o filho, chora a filha,

Choro chorado, chiado, soluço engasgado.

Quintal de prazeres, do beijo roubado,

Da horta a verdura, maçã do pomar.

Seca o galho, a raiz apodrece.

A jabuticaba é negra.

Negra a batina: *revertere ad locuum tuum*.

Nem era assim tão afastada do centro de Serra Alta, distrito mineiro do interior: poucos habitantes e muitas histórias. Cobria-se a distância entre o casarão e o centro da cidade em meia hora de charrete lenta puxada por uma dupla de pangarés cansados. Ou seriam pangarés lentos e uma charrete cansada? Rodas rangendo ruins ruminando remelentos rumo ao rocio rasteiro. Distância pequena, estranhamento imenso. O aspecto da casa, que surgia assim, de repente, do nada, no meio do caminho dava mesmo uma idéia de isolamento, daqueles bem longínquos. Puro abandono: uma pintura corrompida pelo tempo. Casa velha, velha casa, casa grande de uma fazenda cafeeira, seus dois andares compridos e preguiçosos, pontilhados por janelões de um azul descascado – pele morta – que emolduravam vidros quebrados, alternavam tijolos expostos pela falta de reboco com áreas pintadas de um branco sujo e umedecido; o telhado de buracos, mais do que telhas, não prometia mantê-la seca por nada além de uma fina garoa. Era, afinal, só a sombra de uma casa, um caco do que já fora, uma mera lembrança de gente que nem mais se lembra de si mesma ou que é lembrada por alguém; lembrança de um tempo que parece nem mesmo ter havido. A varanda da frente, ampla e sem porta, de rosto triste e medonho – expressão de dor – sustentando um batente mofado e empenado, tomada de trepadeiras e folhas amareladas e secas – pelo tempo, não pelo outono – insistia numa cadeira de balanço com um dos braços quebrados, costas rotas, pernas tortas, onde a brisa da tarde gostava de se acomodar fazendo o velho móvel ranger sobre o assoalho comido pelos cupins. Diriam as crianças: — é o fantasma do coronel, eu vi, eu vi! Se por lá houvesse crianças...

Cadeira que vai, cadeira que vem,

Range o piso entortado,

Nhééééém, nhééééém.

Lugar amaldiçoado.



Mas não perdera a majestade
E, se não era rainha mais,
Era o seu próprio mausoléu.
Agora Inês é morta.

Salve a rainha!

E que comece o beija-mão!

Por mais que o dia se fizesse claro do lado de fora, a casa permanecia escura por dentro. Só alguns bravos raios de sol passeavam tímidos pelas tábuas trincadas e secas do chão, às vezes esbarrando nos poucos móveis deixados para trás: uma cristaleira vazia de uma só porta, uma longa mesa outrora farta e de apenas três pernas – armadilha fatal –, duas cadeiras de estofamento esgarçado e embotado e um grande espelho quebrado, de moldura escura, prata anciã, pendurado em papel de parede rasgado e antiquado, que refletia a realidade escura em mosaico. Imagem repartida da feia partida. Espelho em que Alice não entra, onde não há maravilhas e o coelho de atrasado já morreu. Cortem-lhe a cabeça!

No fundo do térreo, uma coluna parece erguer-se na escuridão. Uma escada em caracol que leva ao segundo andar: degraus que ainda resistem à ferrugem; corrimão e entalhes rococós; tronco podre do pé de feijão mágico; João nunca mais voltara, já o gigante... O segundo andar não estava menos morto que o primeiro: os vermes também passeiam pela tampa da cova. Vê quem lá vai – mas então nada se vê – um corredor que pode, de acordo com a claustrofobia de cada um, ficar menos extenso, mais apertado, mais sufocante, ar, ar, aves! Uma, duas, rasantes, aflição! São andorinhas que dão um ar de sinistra sobrevida ao que sobrou do casarão, vivendo no forro imundo do teto junto com morcegos, corujas e gambás; aranhas e outros insetos: terrível zoofagia simbiótica. "Passarinho dentro de casa é sinal de morte, sinhá". No corredor há muitas portas, todas abertas – onde você quer morrer? –, menos uma: a última, à direita, na ala oeste, a do sol da tarde. Não é fácil chegar até essa porta, até lá, passa-se por muitos rostos antigos que espreitam pelas portas abertas de quartos vazios. Mãos, vultos, vozes... Não, não é mesmo fácil chegar à última porta.

Mas, supondo que alguém lá chegasse, de nada adiantaria. Está trancada e não se pode mais saber o que há lá dentro. "Abandonai toda a esperança, vós que aqui entrastes" Mas há alguém que sabe o que há por detrás da porta trancada no final do corredor – e que há muito já perdera a esperança, ó, Apolo. É um corvo que, diariamente, vem até o umbral do janelão escancarado. Diariamente, à mesma hora – meio-dia ou meia-noite? – vem o corvo a corvejar alto e feio, triste



e agourento, como se estivesse a contar o que só ele sabe, o que só ele viu. Na falta de um campanário na região, o seu crocitar é o sino que dá as horas. Igreja às avessas: Anticristo, apocalipse que já passou e João não viu. Não que haja ali alguém que precise saber das horas; não há mais quem tire o leite das vacas, que colha o café do cafezal, que encha as cestas de frutas; há muito não há mais leite, não há mais vacas, não há mais café nem frutas. Só há as andorinhas que são comidas pelas corujas, que são mordidas pelos morcegos, que comem aranhas, que pegam moscas em suas teias, que se fartam do podre da casa e que são comidas pelas andorinhas até que seus filhotes nasçam e se repita o ciclo da vida. Vida morta. Morte viva. Severina.

Então, de fato, só há o corvo. Mas não, nem ele mais, porque há um momento em que só restam os ossos de um coronel que lia Poe e que hoje jaz escancarado sobre seus pés. Disse, então, o corvo: nunca mais.

A morte ronda os vivos até que estejam mortos, diz a vida, cumpre a morte.

*

* *

— Uma boa história, sem dúvida, mas não existem corvos no Brasil.

— E nem por isso deixamos de pescar sereias e montar grifos todos os dias...